

PRAZER DESVELADO

Historicamente cercado por silêncios, o clitóris, único órgão dedicado ao prazer, é tema da filósofa francesa Catherine Malabou

UMA PORTA HÁ SÉCULOS trancada nas edificações do prazer feminino começa a ser aberta por estudos e teorias que posicionam o clitóris – palavra grega que simbolicamente significa “pequena chave” – no eixo central de uma nova compreensão sobre a sexualidade feminina. Uma dessas engrenagens é *O Prazer Censurado: Clitóris e Pensamento* (Ubu; 128 págs.; R\$ 59,90), livro em que a filósofa francesa Catherine Malabou denuncia como essa parte do corpo foi mantida à margem por uma sociedade patriarcal e falocêntrica e nos convida a pensá-la não apenas como um órgão anatômico, mas um ponto de inflexão filosófico, social e político com potencial revolucionário.

MARIE CLAIRE: Quais foram as descobertas mais surpreendentes durante sua pesquisa para o livro?

CATHERINE MALABOU: Que o clitóris não teve um nome por muito tempo e que muitas mulheres, incluindo eu, demoraram para ouvir falar sobre ele. Além disso, o silêncio de filósofos e psicanalistas sobre ele e como esse silêncio estava, na verdade, escondendo uma posição antifeminista. O mais surpreendente foi na psicanálise, que deveria ser emancipatória, mas foi extremamente conservadora ao tratar da sexualidade feminina. Fiquei espantada que Lacan, por exemplo, não quisesse falar sobre isso. Freud interpretou o prazer feminino pela ausência de um pênis e Sartre descreveu a mulher como um ser com buracos esperando para serem preenchidos. Qual a importância de reapropriar a narrativa e centralizar a perspectiva feminina? A história do feminismo é a história da tentativa gradual de encontrar a linguagem correta e colocar o prazer feminino em primeiro plano. Dar um nome para o clitóris foi extremamente importante e as mudanças que estão acontecendo agora na linguagem, com os pronomes e a escrita inclusiva, são sintomáticas. Nomear as coisas é extremamente importante. É difícil mudar mentalidades e sempre há uma feminista que diz: “Não me reconheço nisso”. É um longo processo de refinamento e redefinição.

MC: Foi desafiador manter suas ideias alinhadas com as do trans-feminismo?

CM: Sim. Fui atacada e chamada de transfóbica devido ao foco na anatomia e porque sempre defendi a noção de feminino, pois acho que é perigoso apagar a mulher. Mas fui clara quando disse que o clitóris não é apenas um órgão anatômico, é também um órgão simbólico, está tanto na cabeça quanto no corpo. É uma posição política: uma manei-



POR
MARÍLIA KODIC
É jornalista cultural
e ama livros



A filósofa francesa Catherine Malabou autora de *O Prazer Censurado: Clitóris e Pensamento*

ra de pensar que todos podem ter um clitóris. A forma como penso o clitóris é anarquista – não governável, não dominante.

MC: Como a associação entre prazer e reprodução influencia a percepção do prazer feminino?

CM: Muitas mulheres estão conscientes da importância do prazer feminino e querem protegê-lo. Mas, infelizmente, em movimentos conservadores a mulher ainda é considerada um mero fator de reprodução, principalmente por razões religiosas. As leis antiaborto são terríveis. Nada é garantido, nossos direitos precisam ser defendidos o tempo todo, pois estão sempre sob ameaça.

MC: Qual é o maior desafio que ainda precisamos enfrentar para alcançar a autonomia do prazer feminino?

CM: O retorno de uma imensa onda mundial de conservadorismo, com o populismo, a supremacia branca, os imperativos religiosos. É impossível pensar que estamos definitivamente livres disso. O maior desafio é político. ■

FOTO: OLIVIER ZAHM

UM NOVO VERNIZ

Explorações sobre o protagonismo feminino na arte, a desobediência como norma, o conflito entre Ucrânia e Rússia e o submundo da internet são os livros destaques de setembro



Deixando o espaço apertado das notas de rodapé para ocupar o protagonismo que lhes é de direito, as mulheres finalmente saem das margens de uma história da arte que foi por muito tempo contada de forma incompleta. Com sua meticulosa revisão histórica, Katy Hessel nos instiga a redefinir o cânone com nomes como a baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven, que inventou o conceito do ready-made muito antes de Marcel Duchamp, e as brasileiras Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Maria Martins, Lygia Clark, Lygia Pape e Adriana Varejão, que ampliaram os horizontes da arte moderna e contemporânea.

A História da Arte sem os Homens (Rosa dos Tempos; 576 págs.; R\$ 219,90)

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Iana Villela oferece uma reflexão sobre as sutis e as nem tão sutis imposições cotidianas que moldam o comportamento feminino e faz um convite a questioná-las e subvertê-las em nome da liberdade e da autenticidade. Uma leitura revigorante para todas as mulheres que já ouviram que deveriam falar mais baixo, usar menos maquiagem, ou sentar com as pernas cruzadas - ou seja, todas as mulheres.

Desobediência (Ou o Que no Futuro Chamaremos de Lucidez) (HarperCollins; 160 págs.; R\$ 59,90)



Para quem quer entender melhor a guerra envolvendo a Rússia e a Ucrânia, este romance histórico dá um bom panorama da sucessão de conflitos que resultou na anexação da Crimeia à

Federação Russa em 2014 e na invasão da Ucrânia pelo exército russo em 2022. O pano de fundo é a história real da viúva de um judeu ucraniano veterano de guerra que guardava um segredo que poderia levá-lo ao Gulag. A autora, que cresceu entre os dois países, oferece uma perspectiva sensível de como é viver entre dois regimes totalitários.

Seu Comparecimento é Obrigatório (Rocco; 296 págs.; R\$ 79,90)



Ganhador do Women's Prize 2024 de Não Ficção, presente nas listas de melhores do ano do *New York Times*, *Guardian* e *Time* e traduzido para mais de 30 idiomas, *Doppelgänger* faz uma investigação do submundo on-line da desinformação, das teorias conspiratórias e dos discursos fanáticos. Segundo a autora, a canadense Naomi Klein – que se apresenta como intelectual de esquerda e anticapitalista –, trata-se de um ambiente onde “a conspiração é realidade, ficção é fato, esquerda é direita e você pode até não reconhecer a si mesmo”.

Doppelgänger: Uma Viagem Através do Mundo-Espelho. (Carambaia 480 págs.; R\$ 99,90)